

Discurso político no facebook da presidente Dilma Rousseff: um estudo de caso

Shirleide Bezerra da Silva¹

Resumo: Este artigo abordou a formação discursiva de sequências extraídas da página oficial da presidente Dilma Rousseff no *Facebook*. Nosso objetivo foi analisar a noção porta-voz do sujeito relacionado com a nossa amostra de três postagens referentes ao evento Copa do Mundo. Optamos por escolher as postagens levando em consideração as três fases sequenciais relacionadas com o desenvolvimento dos fatos ocorridos nos jogos e a identificação da presidente Dilma Rousseff. Para fundamentar nossas análises nos pautamos na Análise do Discurso na perspectiva de Pêcheux (1975), Louis Althusser (1980), Orlandi (1999), entre outros.

Palavras-chave: Formação Discursiva; Porta-voz; Política; Copa do Mundo

Abstract: This article addressed the discursive formation of sequences extracted from the official site of the presidential candidate Dilma Rousseff on Facebook. Our goal was to analyze the spokesman notion of subject related to our sample of three posts regarding the World Cup event. We opted to choose the posts taking into account the three sequential phases related to the development of the events in the games and the identification of presidential candidate Dilma Rousseff. To support our analysis we base ourselves in Discourse Analysis from the perspective of Pecheux (1975), Louis Althusser (1980), Orlandi (1999), among others.

Keywords: Discursive Formation; Spokesperson; policy; World Cup.

Introdução

Este artigo versou sobre Análise do Discurso na perspectiva *pêuchetiana* com o objetivo de analisar o trabalho do porta-voz do sujeito Presidenta Dilma Rousseff operado pelas redes sociais no âmbito do discurso.

Nosso propósito foi interpretar como é apresentado e produzido o jogo de sentidos relacionado à presidente, a partir da análise de discursos verbais e imagéticos nas postagens da página oficial da Presidenta Dilma no Facebook, relacionadas a sua administração pública.

¹ Mestranda em Letras/Linguística pela UFPE. Professora de Língua Portuguesa das redes pública e privada de ensino.

Nosso *corpus* analítico é constituído pela forma de apresentação das imagens da Presidenta a partir das enunciações em sua página oficial no Facebook, além da produção discursiva construída pelos usuários e seguidores da referida página mediante seus comentários. Assim, nossa análise é fundamentada na Análise do Discurso na linha francesa, na perspectiva de Michael Pêcheux (1975) e dos postulados de Michel Foucault.

Para melhor disposição da temática estruturamos as reflexões em seções, após esta introdução, a seção da revisão literária, em que apresentamos algumas concepções inerentes a Análise do Discurso. Em seguida, a fundamentação teórica, a seção com o aspecto metodológico, seguindo das análises das sequências. Por fim teceremos nossas considerações finais.

Embora preliminar, o conteúdo discutido neste artigo se presta ao interesse de analistas do discurso e demais pesquisadores da linguagem como prática social.

Referencial Teórico

Panorâmica do Discurso

O estudo do discurso sob a teoria da Análise do Discurso (AD) tem início na França, nos finais dos anos 1960, com as revoluções lingüísticas em movimentos efervescentes de jovens universitários em sua maioria comunistas. A grande referência para tais jovens pesquisadores foi Michel Pêcheux, discípulo de Louis Althusser em seus estudos semânticos.

O discurso é uma forma de materialização ideológica, como identificaram os marxistas em outras instâncias sociais. O sujeito é um depósito de ideologia, sem vontade própria, e a língua é um processo que perpassa as diversas esferas da sociedade (PÊCHEUX 1990 apud MELO, 2009, p. 3).

Partindo do princípio da língua como interação social, compreendemos que as ideologias se concretizam nas sequências discursivas, cujos signos ideológicos são fragmentos da realidade, conforme se segue:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material (...). Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior (...). No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as conseqüências que dele decorrem (BAKHTIN apud BRANDÃO, 2004, p. 9, 10).

A ideologia, assim, torna-se parte da formação discursiva. Apresentamos a seguir os traços das ideologias nos discursos.

A Ideologia no Discurso

As ideologias não se constituem em categorias arbitrárias. Segundo Gramsci, elas são orgânicas e historicamente necessárias para a convivência em sociedade. Numa determinada formação social, as ideologias desempenham uma função específica, deslocando e ocultando as contradições reais de uma sociedade. As ideologias têm, segundo a abordagem de Louis Althusser, uma existência material em instituições: os aparelhos ideológicos do estado funcionam como espaço privilegiado dessa manifestação.

Nesse sentido a formação ideológica é constituída por um complexo conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se reportam a posições de classes em conflito. Nesse aspecto, compreendemos que as formações ideológicas comportam uma ou mais formações discursivas: o que pode e deve ser dito a partir de uma dada posição em uma dada conjuntura, assumindo, dessa forma, a linguagem, seja verbal ou imagética, como um produto construído por interações sociais específicas.

Na linha do pensamento de Foucault, as condições de possibilidade discursivas estão inscritas no próprio discurso. Ele é expresso pelo seu próprio produto. O campo de configuração do discurso (mutações do discurso; passagem de uma forma enunciativa para outra, etc) resulta naquilo que Foucault chama de formações discursivas. São as condições de possibilidade dos discursos, mediados pelos seus enunciados, inseridos num contexto partilhado pelos falantes que estruturam a comunicação em determinada formação discursiva.

Assim, na perspectiva da análise do discurso, a língua tem um funcionamento parcialmente autônomo, não estando o sentido submetido à ordem da língua. O sentido é apresentado como inerente ao funcionamento da ordem das formações discursivas as quais materializam formações ideológicas. Nesse aspecto, compreendemos que a língua não é transparente, mas é guiada por uma ordem própria que é descrita pela linguística. Dessa forma, o sentido é o fio condutor dos estudos da Análise do Discurso. Ele é decorrente das enunciações, as quais se caracterizam por atos que se dão no interior das formações discursivas que determinam o sentido do que se diz ou se pretende dizer. Como o sentido não é estanque ou impermeabilizado, a pretensão à universalidade e a generalidade estão excluídas. Ele é concebido numa dimensão de produtor de efeitos (tensão entre abertura e contenção de sentidos), mais do que uma decodificação imanente nas discursividades. A

Análise do Discurso coloca a questão das representações imaginárias que são resultantes de um processo social, ideológico.

Pêcheux propôs um quadro epistemológico (1975) que reside “na articulação de três regiões de conhecimentos científicos: (a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais e de suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; (b) a linguística como teoria, ao mesmo tempo, dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; (c) a teoria do discurso como determinação histórica dos processos semânticos. Louis Althusser, a partir de seus pressupostos marxistas, vai analisar o modo de produção da vida material e sua relação com o desenvolvimento da vida social, política, intelectual de uma sociedade. Assim, segundo sua abordagem, a economia determina em última instância uma formação social. A partir da base econômica, surgem as classes, no interior das quais há relações de dominância. Por isso, o fator determinante na História é a produção e a reprodução da vida material. Para Althusser, uma ideologia não é uma “falsa consciência” (como Marx propunha), mas a maneira pela quais os homens vivem as relações com suas condições materiais de existência perpassando vários setores da convivência social.

Formação Discursiva

A Análise do Discurso parte do princípio de que não há transparência na língua, ou seja, não há obviedade nas palavras. Para desvendar-lhes as significações, há que se recorrer a uma semântica que não está sujeita à ordem postagem, mas à ordem das Formações Discursivas (FD), ou seja, as palavras assumem diferentes significações por pertencerem a FD distintas, conforme esclarece Mussalim e Bentes (2004, p. 361).

É sob a modalidade do que se conhece – na perspectiva das teses althusserianas sobre a instância ideológica – como o assujeitamento (ou interpelação) do sujeito como sujeito que a instância ideológica contribui para a reprodução das relações sociais, “de tal sorte que cada um seja conduzido, sem perceber e tendo a impressão de exercer sua livre vontade, a tomar em uma ou noutra das duas classes sociais antagônicas do modo de produção” (PÊCHEUX E FUCHS, 1975, p.101).

Os *Aparelhos Ideológicos de Estado* asseguram essa reprodução materialmente. São realidades complexas que colocam em jogo práticas relacionadas à relação de lugares (determinados pelas relações de classes). São de realidades contraditórias, na medida em que, em uma dada conjuntura, as relações díspares das estratificações sociais motivam o confronto, no interior de tais aparelhos, de status que privilegiam as relações:

Posições políticas e ideológicas que não se devem aos indivíduos, mas que se organizam em formações mantendo entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falar-se-á de *formação ideológica* para caracterizar um elemento suscetível de intervir, como força confrontada a outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social num dado momento: cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras (HAROUCHE et AL., 1971, p. 102).

Nessa perspectiva, relaciona-se a ideologia ao discurso. Se há uma existência concreta das ideologias, pode-se dizer que o discurso por seu aspecto material, ou seja, as FDs fazem parte do que pode ser dito:

Comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma dada posição em uma conjuntura, em outras palavras, em certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes (PÊCHEUX & FUCHS, 1975, P.11).

A noção de Formação Discursiva (FD) abrange dois pontos, quais sejam: a paráfrase e o pré-construído. Segundo Orlandi (1984), a paráfrase remete a um espaço da FD que envolve a reconstrução de enunciados; já a polissemia remete à multiplicidade de sentidos. O pré-construído, por sua vez, conforme postula Pêcheux (1975), é fundamental para a vinculação da AD com a Linguística. O termo refere-se “a posição anterior e exterior, independente, por oposição ao ‘construído’ pelo enunciado” (HENRY, 1975 apud BRANDÃO, 2004, p. 48).

Segundo Carboni (2012), a noção de Formação Discursiva em Althusser é central na AD. Trata-se daquilo que se pode e se deve dizer. Em outras palavras, no interdiscurso há que se recorrer à memória discursiva tornando possível o dizer.

A Questão da Subjetividade

Um dos pontos que distancia a teoria da Análise do Discurso das demais teorias linguísticas e pragmáticas é a noção de sujeito. Mussalim e Bentes (2004) apresentam duas teses no que diz respeito ao sujeito. São elas: o sujeito clivado e sujeito assujeitado. “O sujeito clivado, ou seja, não é uno; o sujeito assujeitado, isto é, não é livre e não está na origem do discurso” (MUSSALIM; BENTES, 2004, p. 386).

O Sujeito da Análise do Discurso

A ideia de sujeito que perpassa as discussões da Análise do Discurso é categorizado como um indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia da formação discursiva (FD) que o

domina. Ele é, dessa forma, um sujeito discursivo. Na verdade, esse sujeito apresenta traços constitutivos da ideologia (perspectiva marxista) e do inconsciente (perspectiva freudiana). Falamos do sujeito da Análise do Discurso. “O indivíduo interpelado pela ideologia para que produza dizer” (ORLANDI, 1999, p. 46). Nesse sentido, as normas compartilhadas pelos sujeitos falantes referem-se ao que pode e deve ser dito são norteadas pela inserção na FD ao qual pertencem. Daí, Brandão (2001, p. 77), entender que “sujeitos falantes, tomados em uma conjuntura histórica determinada, possam concordar ou se afrontar sobre o sentido a dar às palavras”.

Nas palavras de Orlandi (1999, p.49) assevera dizendo que: Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas, um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito. Dessa forma, os pressupostos que norteiam a concepção de sujeito se estrutura a partir das ideias de Althusser na esteira da discussão das condições ideológicas e das relações de produção & reprodução. Assim, a ideologia interpela e constitui os indivíduos concretos. Os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes de seu discurso ao se inscreverem em determinadas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes correspondem. Nessa direção, o “não-sujeito” é interpelado pela ideologia. Ou seja, é a partir da interpelação ideológica que a identificação do sujeito se realiza. O que percebemos é a existência do efeito retroativo na constituição dos sujeitos, pois, todo sujeito é sempre um já-sujeito. A relação é paradoxal, pois, o indivíduo tem que se submeter em sua liberdade às ordens do Sujeito no processo de interpelação a fim de tornar-se sujeito. O indivíduo livremente aceita o seu assujeitamento e, assim, é interpelado em sujeito. Essa sujeição é a um sujeito absoluto que ocupa uma centralidade. Neste processo, acontece o reconhecimento entre os vários tipos de sujeitos mútuo entre os sujeitos, na busca do reconhecimento do sujeito por si mesmo. Enfim, os sujeitos irão estruturar seus comportamentos individuais pela clivagem dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) na perspectiva de que tudo correrá com as condições do reconhecimento.

A noção de sujeito não se apresenta como uma das mais pacíficas. Paradoxalmente, situa-se na afirmação de uma subjetividade livre que constitui num centro de iniciativas próprias e uma postura assujeitada a uma ordem superior que deixa apenas a liberdade à referida sujeição.

Como o sujeito é interpelado pela ideologia, ele ocupa um espaço no universal e, ao mesmo tempo, permanece com seus aspectos singulares. Ele é assujeitado no aspecto

universal e insubstituível no singular. Esse espaço é tensionado por esse processo de constituição do sujeito. Assim, reconhecemos a forma sujeito como a identificação do sujeito do discurso com a FD que o domina e o inscreve no processo de diferentes posições sujeitos, pois o sentido é construído pela relação das palavras no interior de dada formação discursiva. Dessa forma, a Análise do Discurso, reconhece o desdobramento de papéis segundo as várias posições que o sujeito ocupa dentro de um texto, seja verbal e/ou imagético.

O Porta-voz do Discurso

A figura de porta-voz na perspectiva discursiva de Pêcheux (1990, p.17) num contexto político revolucionário, reflete os deslocamentos de sentidos oriundo dos discursos de acontecimentos históricos marcantes a exemplo da Revolução Francesa, da Revolução Socialista e das Revoluções do século XX.

[...] ao mesmo tempo ator visível e testemunha ocular do acontecimento: o efeito que ele exerce falando “em nome de...” é antes de tudo um efeito visual, que determina esta conversão do olhar pela qual o invisível do acontecimento se deixa enfim ser visto: o porta-voz se expõe ao olhar do poder que ele afronta, falando em nome daqueles que ele representa, e sob o seu olhar. Dupla visibilidade (ele fala diante dos seus e parlamenta com o adversário) que o coloca em posição de negociador potencial, no centro visível de um “nós” em formação e também em contato imediato com o adversário exterior (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Conforme o supracitado autor, o porta-voz refere-se ao mediador que age como “testemunha ocular do acontecimento”, em outras palavras, ele é o que fala algo em nome de alguém para outro alguém. Ele (o porta-voz) é considerado, nesse caso, o representante de certo grupo, do povo, ou seja, é aquele que se expõe no momento das reivindicações, nos questionamentos, nas rupturas com o poder dominante.

O porta-voz remete ao funcionamento enunciativo de medição da linguagem, que se apresenta como uma nova forma enunciativa da palavra política, pela qual o sujeito que faz parte de um grupo, nele se destaca à medida que se põe em papel de mediador com o poder constituído, sendo reconhecido como tal que fala em nome da coletividade. Segundo *Authier-Revuz* (1982 apud BRANDÃO, 2004, p. 60), o porta-voz fala em nome do outro se utilizando das suas palavras (deste outro).

Com base no conceito de porta-voz, podemos pensar que os textos verbais agregados às imagens no perfil oficial da presidenta Dilma (Seção 4) representa a voz ora da presidenta, ora das pessoas que se identificam com situações narradas nas postagens. O imaginário da postagem atesta a importância que a imagem da presidenta confere à coletividade, não ao

individualismo, pois se vincula aos grupos aliados e alimenta sonhos construídos por tais grupos, os quais se identificam com a imagem da Presidenta Dilma.

Análise das Sequências Discursivas

Seguem algumas sequências com imagens que exemplificam a posição de sujeito político, que ao mesmo tempo se confunde com os cidadãos comuns, no sentido de se envolver com um fato que vem gerando muita polêmica no Brasil, a qual seja Copa do Mundo.

Sequência 1



Sequência 2



Sequência 3



A sequencia 1 #copadascopas trata de uma postagem institucional, ou seja, um discurso petista que vem desde a época do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva (Lula) em que sempre se registra suas relações na história. “Copa das copas” remete a um discurso petista de registrar os grandes feitos do governo que marcaram a história do país. Assim, *copa*

das copas remete a uma motivação de ser uma copa com excelente estrutura ao ponto de ser idealizada como a melhor das copas do mundo e à idéia de um país que supera a questão da infraestrutura para receber os estrangeiros. O discurso do país anteriormente ao início da copa era derrotista, de uma copa catastrófica. Contudo, o discurso muda quando se percebe que tudo estava correndo surpreendentemente bem. Pode-se dizer também que temos aí um discurso relativista, pois em relação à infraestrutura dos outros países não se pode comparar. De maneira que se justifica a expressão *“Superar a derrota é a característica e a marca de uma grande seleção e um de um grande país”*, que aparece na sequência 2, primeiro porque todos os campeões mundiais estavam reunidos. Segundo: porque a copa está sendo realizada no “país do futebol”. Além do mais, corroborando a força discursiva da expressão temos o terceiro ponto, que é o nível futebolístico, em termos de motivação.

Nessa sequência 2, trata da palavra da presidenta em termos de superação, ou seja, o porta-voz da Presidenta Dilma vale-se da narrativa direta no discurso de superação da Presidenta ao comparar a seleção com o país em termos de superação da derrota. Como Chefe de Estado é seu papel injetar ânimo no povo. No entendimento de que o Brasil é reconhecido mundialmente como uma potência em termos de futebol, há que se compreender esse discurso de superação da Presidenta.

Outro aspecto que se sobressai na direção do sentido do texto e, em consequência, de seus prováveis caminhos de interpretação é a forma que é apresentada e postada a foto da Presidenta Dilma.

Segundo Maingueneau (apud BARONAS, 2012, p.16), a imagem facial ressalta um produto que torna desnecessário o contexto situacional (roupa, lugar, momento...). Uma imagem evidencia significados e emoções a exemplo de tristeza, resignação etc. Esse aspecto materializa a enunciação e produz um efeito de veracidade do que é dito.

Entretanto, a imagem da presidenta mostra uma busca de aproximação com a população brasileira no sentido de se inserir em determinada FD, pois, em certo aspecto, a dubiedade textual inscreve os leitores em dois acontecimentos históricos catalisadores da atenção do público: Copa do Mundo e Eleições.

Nessa sequência 3, apresenta-se uma imagem da torcida brasileira no fundo representando o povo brasileiro. O porta-voz do sujeito Presidente Dilma escolhe uma intertextualidade com um trecho da canção “Volta por cima” (composição de Paulo Vanzolini, interpretada pelo cantor Noite Ilustrada), a qual evoca no contexto dessa sequência, muito mais que a seleção, mas a nação em seu conjunto.

Trata-se de uma página institucional de uma candidata à reeleição da Presidência da República. Dessa forma, infere-se que o vocativo “Brasil” remete tanto à Seleção Brasileira quanto ao povo brasileiro, (e)leitores, pois

“Se uma palavra, expressão, proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme refiram a tal ou tal formação discursiva, é porque [...] elas não têm um sentido que lhes seria “próprio” enquanto ligado a sua literalidade, mas seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que entretêm com outras palavras, expressões, proposições da mesma formação discursiva” (Pêcheux, 1975, p.145)

Quando um enunciado possui uma grande circulação nos mais diversos campos e suportes, ele perde sua marca de autoria e se transforma numa espécie de slogan, tornando-se profundamente independente do texto.

Considerações Finais

Este estudo analisou as sequências discursivas da presidenciável Dilma Rousseff no Facebook. Ao assumir a noção de porta-voz percebemos que a “presidenta” se inscreveu numa dada FD com a intencionalidade de aproveitar a identificação entre dois momentos decisivos na pauta nacional: a Copa do Mundo 2014 e as Eleições. Nesse aspecto, ao elaborar seus discursos, num gradiente das postagens, identificamos que houve uma construção de sujeitos, ou melhor, posições sujeitos assumidas de acordo com a fase da Seleção Brasileira nos jogos.

Na sequência 1 pode-se observar uma postagem mais otimista em relação ao provável sucesso da Seleção Brasileira e o otimismo relacionado ao crescimento econômico para o país. Já na sequência 2, diante do insucesso da Seleção na fase semifinal da Copa, a presidenciável assumiu uma posição-sujeito que se identificasse com o sentimento de desânimo da população brasileira. Entretanto, a fim de construir a noção de porta-voz do povo brasileiro, que possui a característica nacionalista de superação diante dos obstáculos, na sequência 3 o discurso é construído a partir da possibilidade de superação da Seleção Brasileira e, inclusive, da imagem depreciada e “vaiada” da candidata Dilma Rousseff no início da Copa.

Embora preliminar, o conteúdo discutido neste artigo se presta ao interesse de analistas do discurso e demais pesquisadores da linguagem como prática social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. (3 ed), Editorial Presença, 1980.

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. (1.ed),. São Paulo: Contexto, 2008.

BARONAS, R. L. *Enunciação Aforizante: Um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira*. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso* (2ed), Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

FOUCAULT, M. (1996). *A Arqueologia do Saber*. Trad. Brás. Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

MELO, I. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura* Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. *Introdução à linguística. Fundamentos epistemológicos* 3. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, E. (org.). *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002;

PÊCHEUX, M. *O Discurso: Semântica e Discurso - Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et all. – 2ª ed. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995;

ROSÁRIO, H. M. *O sujeito do discurso e a noção de porta voz na mídia*. In: MITTMANN, S.; CAZARIN, E. A.; GRIGOLETTO, E. *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 237-254.